

JORNAL ABRIL 2013 N 3

TERRA E LIBERDADE

ALDEIA MARACANA RESISTE



P. 2 - OCUPAÇÃO CHIQUINHA GONZAGA: NA LUTA!

P. 3 - ANARQUISMO E ECOLOGIA

P. 3 - DENÚNCIA DE MORADORA DA QUILOMBO DAS GUERREIRAS

P. 4 - ABRAÇAMOS E RESISTIMOS: "AQUI QUEM FALA É A QUILOMBO DAS GUERREIRAS"

P. 4 - AGENDA DE LUTAS NO MÊS DE ABRIL

P. 5 - ERRATA: 8 DE MARÇO E A IMPORTÂNCIA DA TRANSVERSALIDADE DAS LUTAS

P. 5 - EXPLORAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO: O BRASIL DA ESCRAVIDÃO

P. 6 - POR QUE VOTAR PELA GREVE DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NO DIA 18?

P. 7 - TRÊS DIAS DE 513 ANOS: ALDEIA MARACANÃ CONTRA O ESTADO

P. 7 - UM GRANDE MILAGRE

P. 8 - CONSTRUIR O ANARQUISMO NO SEIO DO POVO

Ocupação Chiquinha Gonzaga: na luta!



Este ano a Ocupação Chiquinha Gonzaga completará 9 anos de história. Ocupando o prédio de 13 andares localizado na Rua Barão de São Félix (próxima à Central do Brasil) desde 2004, seus moradores construíram um dos principais espaços de resistência na cidade do Rio. À frente de muitas batalhas, apoiando diversas ocupações e movimentos sociais autônomos, ela mostra, nas dificuldades do dia-a-dia, que uma ocupação é bem mais que um prédio habitado. Ela é uma comunidade que se constrói no apoio mútuo, na auto-organização, como outra proposta de sociedade. Nesse sentido, afirmando estas experiências, que os moradores organizaram o último **"Sarau da Ocupação Chiquinha Gonzaga"** no dia 06 de Abril. Diversos grupos e compositores se apresentaram, como a companheira Luceni, o seu bezerra, o coletivo Mais preto, Os negui q não se kalam e a banda Corisco. O dinheiro arrecadado com a venda de bebidas no sarau será utilizado pelo coletivo da ocupação para viabilizar uma sala que sirva para realização de atividades culturais/políticas, como o trabalho com crianças que é desenvolvido lá.

Quer apoiar a Ocupação Chiquinha Gonzaga? Nela é realizada uma atividade semanal com crianças e pretendemos futuramente construir uma horta comunitária, sua ajuda nessas atividades e na construção de outras é bem-vinda. Entre em contato com os morador@s e apoios e venha fazer parte da luta.

*Daqui a dois meses tem outro Sarau! Participe!
Venha apoiar a luta das ocupações!*



Ato na Caixa Econômica Federal

Os moradores das Ocupações Chiquinha Gonzaga, Manoel Congo e Matadouro fizeram um ato no dia 27/03 na Caixa Econômica Federal. Os moradores da Chiquinha exigem a liberação dos recursos da Caixa Econômica Federal para a reforma do prédio.

Não seremos enganados! Chega de embromação!

Somente a ação direta e a pressão aos governos permitem que os direitos sejam garantidos e conquistados! Ocupar e lutar!

Anarquismo e Ecologia

Não é novidade que a intenção dos anarquistas é romper com qualquer tipo de dominação existente entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza. Para tanto, deve-se cogitar a substituição da atual sociedade capitalista por uma “sociedade ecológica”, ou seja, uma sociedade sem classes, não hierárquica e sem a dominação da natureza. Nesse sentido, devemos estar atentos à inserção do debate ecológico nas lutas dos movimentos sociais.

Hoje, talvez mais do que nunca, o debate ecológico mereça profunda atenção dos movimentos populares. Temos presenciado, sistematicamente, as grandes corporações industriais se apropriando do discurso ambiental/ecológico inseridos na lógica exploratória, o que configura uma apropriação visivelmente contraditória. É inegável que tal apelo ecológico industrial possui, em seu cerne, intenções de mercado, como, por exemplo, tornar a produção industrial aparentemente isenta de impactos ambientais, tornando-a mais atraente e causando a sensação de dever cumprido e “conscientização” entre os consumidores.

Além das indústrias, o Estado também é responsável por esse processo de apropriação controverso do discurso ambiental, apenas legitimando e perpetuando a histórica e atual exploração dos trabalhadores e da natureza. Como de praxe, o Estado negligencia as urgências populares para dar voz aos interesses mercadológicos. Por sua vez, a mídia desencadeia o papel de responsabilizar a população pelos danos ambientais existentes.

Aliados, mídia, Estado e indústrias promovem campanhas nada emancipatórias, sugerindo que problemas socioambientais serão remediados através de atitudes individualistas, como tomar banhos reduzidos, separar o lixo para a coleta seletiva, consumir refrigerantes para ajudar a reforma do estádio do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014, dentre outras balelas. Entretanto, pouco ou nada se ouve falar de iniciativas que visam reduzir efetivamente a exploração abusiva do trabalho e do meio ambiente.

A crise ambiental nada mais é do que a manifestação da crise de uma determinada concepção de civilização – a existente atualmente na sociedade capitalista. Sua superação dependerá do rompimento com a matriz que a produz, por isso a importância da inserção do debate ambiental dentro do anarquismo, assim como nas lutas populares. A construção coletiva de uma sociedade ecológica pressupõe emancipação e formas participativas de base.

DENÚNCIA DE MORADORA DA OCUPAÇÃO QUILOMBO DAS GUERREIRAS E MILITANTE DA OATL

Não satisfeitos em desalojar centenas de famílias moradoras da área portuária com a alegação de “revitalização” da região, “nossos” governantes resolveram desalojar também as árvores que há centenas de anos serviam como morada de pássaros, faziam sombra aos passantes e melhoravam a vida dos moradores que aqui vivem, diminuindo a poluição e protegendo os já tão castigados moradores de rua. A Rua Francisco Bicalho antes tão verde agora tão deserta... Eles estão cortando há 2 semanas, nas madrugadas, pelo menos 30 árvores. A comunidade não pode SE CALAR DIANTE DESSE CRIME.



O Rio já tão castigado não merecia mais este massacre. Este corte de árvores é uma matança. As obras tem deixado atrás de si muitos problemas: buracos, água suja parada - que se forem analisadas estarão cheios de mosquitos da dengue -, falta de luz por vários dias, muita poeira e a lama que sobra entope os bueiros causando enchentes



quando chove. Como já dissemos antes, essa “revitalização” não é para nós, moradores da Quilombo, das comunidades da área portuária. Mas estamos na luta e estamos resistindo!

Abraçamos e resistimos: “Aqui quem fala é a Quilombo das Guerreiras”

No dia 9 de Março, como divulgamos no Jornal de Março, ocorreu o “Abraço à Ocupação Quilombo das Guerreiras”. Com atividades desde as 15h, a ocupação mostrou a sua força e sua capacidade de mobilização. Mais de 400 pessoas responderam ao chamado do coletivo e mostraram para o governo que a ocupação não está sozinha e que muita luta vai acontecer se ele tentar concretizar o seu desejo de despejar a ocupação e acabar com o coletivo.



Exibição do vídeo “Mulheres guerreiras”, produzido pelas ocupantes

Vida Longa à Ocupação Quilombo das Guerreiras! Estamos na luta!

Agenda de Lutas no mês de Abril

- Ato da Ocupação Chiquinha Gonzaga na Caixa Econômica Federal
- Reunião do Fórum Comunitário do Porto na Instuto pretos novos dia 04/04/2013
- Sarau da Ocupação Chiquinha Gonzaga dia 06/04/2013
- Todas as quintas-feiras ocorrem as reuniões do Fórum comunitário do Porto (grupo de trabalho de propaganda e grupo de trabalho da providência), às 17h30, no Instituto dos Pretos Novos (Rua Pedro Ernesto, Bairro da Gamboa)
- Dia 08/04: Grupo de Estudos do GEP, às 19h, na Igreja do Livramento na Ladeira do Barroso, Morro da Providência

- Dia 11/04: Ato contra a privatização do Maracanã às 10h no Largo do Machado
- 15/04: Reunião do Pré e da Alfa do GEP sobre a organização das atividades do 1º de maio – 20h30 na Igreja Nossa Senhora do Livramento na Ladeira do Barroso, Morro da Providência
- Dias 16, 17 e 18: Paralisação da rede estadual de educação do Rio de Janeiro com assembleia dos profissionais da educação no dia 18 às 10 h no Clube Municipal na Rua Hadoock Lobo
- Dia 20- Caminhada na comunidade do Borel e instalação de uma placa em lembrança a chacina de 2003. Concentração em frente à antiga quadra da Unidos da Tijuca (Borel), às 15h30.

Errata: 8 de março e a importância da transversalidade das lutas

Na edição passada dissemos que um dos motivos que torna o 8 de março importante como data de luta, e não de comemorações festivas com presentes e rosas, é o fato de ter surgido em referência ao massacre de trabalhadoras que estavam em greve. No entanto, de acordo com alguns estudos atuais, o 8 de março nasceu das mulheres socialistas, pois nesse dia um grande número de mulheres operárias, na maioria tecelãs e costureiras, contrariando a decisão do Partido, que achava que aquele não era o momento para qualquer greve, declararam greve e saíram às ruas em manifestação por pão e paz. Essa manifestação foi considerada o estopim da primeira fase da Revolução Russa, conhecida depois como a Revolução de Fevereiro. Esse resgate histórico é fundamental por vários motivos, primeiramente porque elas foram vitoriosas, desencadeando uma revolução, e é fundamental lembrarmos não só dos mártires do povo que morreram lutando, mas também daquelas e daqueles que lutaram e foram vitorios@s nas suas lutas. Além disso, é fundamental registrarmos a importância que as mulheres tiveram em todas as revoluções e lutas populares, pois ao contrário do que o sistema nos diz não somos frágeis! Coragem, força, disposição para a luta também são características de mulheres! Foram mulheres de luta que impulsionaram muitas revoluções e são mulheres assim que tocam hoje as lutas pela moradia e por melhores condições de trabalho! Por fim, é importante lembrarmos sempre que nossas lutas não são opostas, mas devem andar lado a lado. Por isso, a luta pela revolução, pelo anarquismo, deve incluir todas as lutas pelas questões específicas das mulheres, citadas na edição passada, e a luta feminista deve incluir a luta pela igualdade social!

FOMOS RESPONSÁVEIS POR IMPULSIONAR REVOLUÇÕES NO PASSADO. PODEMOS COMEÇAR OUTRA AGORA!

Exploração do trabalho doméstico: o Brasil da escravidão



Pelo fim da exploração de trabalhadoras domésticas!
Pela igualdade de direitos entre trabalhadoras domésticas e demais trabalhadores.
Pela melhoria da condição de vida e trabalho de tod@s @s trabalhador@s!
Pela divisão das tarefas no lar entre todos os membros da família, que as mulheres deixem de ser escravas do lar!



Nós, da OATL, achamos importante aproveitar a atual discussão sobre a PEC das domésticas para debater porque esses serviços ainda são discutidos na informalidade, para lembrar que são resquícios do trabalho escravo, que a maioria dos patrões, como no tempo da Casa grande e Senzala, são branc@s e @s explorad@s são megr@s, para questionar porque vivemos numa sociedade onde tem gente que tem empregad@ pra cuidar da sua casa, do seu jardim, e porque tem gente que tem que trabalhar na casa dos outros ao invés de poder se dedicar mais a sua. Aproveitemos também pra questionar porque a empregada quando volta pra casa ainda tem que limpar sua casa, fazer janta, preparar o lanche dos filhos, e porque a patroa acha que não pode viver sem empregada e fazer tudo sozinha. Porque as tarefas domésticas sempre são de responsabilidade da mulher? Porque uma mulher que trabalha, muitas vezes trabalhando duro na casa de outras pessoas, quando chega em casa ainda tem que fazer tudo? Porque os maridos não dividem com elas as tarefas?

Não acreditemos na mídia quando nos diz que o desemprego vai aumentar graças ao aumento das leis trabalhistas para empregadas domésticas. Os patrões sempre dizem que é impossível sustentar mais direitos trabalhistas, mas nós sabemos que insustentável é uma mulher ter que trabalhar horas fora para ganhar pouco, para não ter todos os direitos que os outros trabalhador@s têm e ainda ter que trabalhar em casa nas suas horas de folga. Diferente da tradição marxista, que sempre desprezou a camada do povo que trabalha fora das fábricas, que não é operári@, o anarquismo sempre depositou sua força na classe trabalhadora em geral, sobretudo na sua parte mais explorada e oprimida. Para nós, não existem “sacos de batatas” – como Marx se referiu aos camponeses –, mas exploradas e explorados, oprimidas e oprimidos, que devem se levantar contra @s seus opressores. Sendo vítima de uma exploração que atravessa séculos, as empregadas domésticas são uma força fundamental no combate ao capitalismo e toda forma de opressão. Chega de exploração!

Por que votar pela greve da Rede Estadual de ensino no dia 18?

- Dezenas de escolas e centenas de turmas foram fechadas pelo governo em 2013.
- Para implementar os programas “Nova EJA” e “Autonomia” e maquear os índices de “escolaridade”, o governo está impedindo a população com mais de 21 anos de se matricular no ensino médio regular.
- São inúmeros os casos de perseguição política promovidos pela direção das escolas que são indicadas diretamente pela SEEDUC.
- Os salários de professores e funcionários estão entre os mais baixos de todo o país
- “Otimizando turmas”, a Secretaria de Educação tem formado salas de aulas com até 60 alunos, o que aumenta a exploração do professor e a precarização do ensino.
- Milhares de funcionários foram removidos das escolas no início deste ano, ao mesmo tempo em que a secretaria aumenta a terceirização e a contratação de funcionários que trabalham como cabo eleitorais.

Ano passado, por conta das eleições do sindicato e da participação da direção nas campanhas para prefeito e vereador, deixamos de pressionar o governo, mobilizar a categoria e explicar realmente o que tem sido feito na educação estadual do RJ. Sem luta autônoma não há vitória! Não será o vereador ou deputado do partido A ou B que irá resolver nossos problemas. As mudanças dependem da nossa luta, das ações que diretamente fazemos, das greves que realizamos. Na assembleia do dia 18 não podemos ter dúvidas: é votar pela greve e organizar a nossa luta!



Três dias de 513 anos: Aldeia Maracanã contra o Estado

A carne está sangrando. O corpo moído. As mãos tremem de raiva e de pavor. O que os olhos de centenas de pessoas presenciaram em três dias relembram cinco séculos de massacre, nos jogam na cara a poeira dos velhos livros e cartas de história da América, escancarando páginas em branco que estão se escrevendo com matéria do presente, do agora. Com as mãos cerradas em punho, apanhando e revidando, através da resistência, da ação direta, a pressão da luta dxs indígenas da Aldeia Maracanã tomou enorme proporções e esteve a um passo de impor um retrocesso a um projeto de cidade que prevê remoções de comunidades inteiras, casas e escolas em vista a transformar a cidade em palco para eventos mundiais.

Nas escolas, congelam-nos com a ideia de que a História é estanque, estática em datas e acontecimentos perdidos no passado. Não nos contam que viemos desse passado. Ensinam-nos que os fatos de hoje terão importância só daqui a anos. E, principalmente, que as histórias de homens e mulheres seguem um curso natural, predestinado e impossível de se mudar. O que vimos nos dias 22, 23 e 24 de março de 2013 certamente ficará nas nossas lembranças. Não somente como uma data onde os horrores da truculenta polícia, a mando do governo do Estado, imprimiram sua força selvagem para cima daquels que lutam, mas também como uma mostra de que temos na mão a possibilidade de mudar o curso da História e das nossas histórias.

22 de março: Madrugada. Inicia o cerco policial com viaturas, blindados, dois caverões e um brutal arsenal repressivo: fuzis, gases de efeito moral, canhão de microondas, facas, teasers, cacetes e spray de pimenta. A situação se torna mais conturbada quando da saída de um grupo de indígenas nas primeiras horas de claridade, deixando outra parcela de resistentes numa negociação com parlamentares, oficiais de justiça, advogados e polícia. Por volta das 11h, @s últim@s indígenas decidem terminar a negociação e saem da Aldeia. A manifestação presente, que desde os primeiros minutos após o início do cerco vai se formando em frente à Aldeia, incendeia-se gritando palavras de ordem e de raiva. O confronto foi inevitável; a polícia faz uso de todo seu arsenal bélico e reprime ferozmente @s manifestantes, detendo alguns e ferindo outr@s. Às 13h, em frente à ALERJ, indígenas e manifestantes novamente se reúnem. Numa pequena assembleia, as lideranças do PSOL e do PSTU convocam uma reunião no dia seguinte e pedem para os manifestantes irem para as suas casas “esfriarem a cabeça”. O velho reformismo legalista destes grupos, no entanto, foi atropelado após uma fala do companheiro indígena Ashaninka, que, desconsiderando a fala da Presidente do PSOL do Rio, chamou todos que estavam em frente à ALERJ para ocuparem a Rua Primeiro de Março. Após um enfrentamento violento com a polícia e a guarda municipal, novas prisões e novas agressões covardes foram cometidas por parte do Estado. Apesar disso, tod@s lutaram com coragem e parte do centro da cidade ficou parado por quase 3 horas, tendo que saber da nossa história e da resistência indígena.

23 de março: Em uma reunião marcada no SEPE, pela manhã, os partidos políticos presentes (PSTU e PSOL) trouxeram uma proposta fechada de construir um ato na quarta-feira seguinte. Contudo, xs indígenas presentes, sem direito à fala, não aceitaram a proposta e decidem pela Ocupação do atual Museu do Índi@ em Botafogo.

24 de março: Agindo novamente antes do sol nascer, a polícia intervém às 3h da manhã detendo dois ônibus cheios de ocupantes que faziam vigília no Muséu, levando-xs à Justiça Federal. Uma audiência é marcada e realizada ainda na manhã do domingo, contando com a participação de advogados do movimento, representantes do governo do Estado e da FUNAI. A presença desta se mostrou ineficaz e claramente contra xs indígenas – alegou-se que a Fundação não possuía uma proposta concreta para intervir na situação, ressaltando que não apoiaria a ocupação do museu em Botafogo, pois “elxs podem botar fogo no acervo guardado neste espaço”.

Todavia, avaliando a falta de propostas adequadas tanto da parte dos representantes quanto da governista FUNAI, o juiz decidiu acatar a proposta alternativa feita pelxs indígenas, que era a de alojá-lxs no prédio da Conab, onde funcionava o Laboratório Nacional Agropecuário do Rio de Janeiro, ao lado da Aldeia Maracanã. Uma comissão composta de cinco índios foi encaminhada para lá, mas verificaram que o espaço não ofereceria condições para abrigá-lxs. Da noite para o dia a ação levada a cabo pelo governo deu conta de inutilizar o espaço, que até sexta-feira estava em plena capacidade de utilização.

Três dias de uma história de 513 anos. Mais uma opressão foi cometida contra a população indígena. Entretanto, a batalha não acabou ainda! Dia 19 é o “dia do Índio”. As atividades da Aldeia Maracanã continuam e continuarão. Neste dia, vamos denunciar as diversas ações cometidas em todo país contra as diversas etnias que por 500 anos sofrem massacres do Estado.

**Pelo repúdio às ações truculentas e assassinas do Estado brasileiro na invasão de espaços indígenas no Rio de Janeiro e em todo país!
Pelo fim do massacre dos povos originários das Américas!
Pelo fim das políticas fascistas que expulsam xs trabalhadorxs e pobres dos centros urbanos!
Pelo fim à perseguição dxs lutadorxs!
Fim a criminalização dos movimentos sociais!**

O tecido de nossas bandeiras

Onde estavam as bandeiras anarquistas na manifestação?
Nos olhos brilhantes das lágrimas de amor e de revolta.
Nas mãos apertadas, nos braços dados.
Na coragem de enfrentar uma batalha injusta.
No medo vencido quando urge o confronto.
Na desconstrução dos velhos modelos.
Na criação de uma alternativa viva, pulsante, agora.
Onde estavam as bandeiras anarquistas na manifestação?
Somos nós, as nossas bandeiras. Estávamos lá e seguiremos.
De cabeça erguida, mesmo quando rasgadas e ferida

ALDEIA MARACANÃ RESISTE!!

Um grande milagre (será?)

Este texto foi escrito por uma militante da OATL e também moradora do Quilombo da Gamboa para ironizar as promessas de grande cidade (o “milagre”) anunciadas pelo governo

Há 20 anos atrás naquela cidade. Grande cidade! Já estava acostumada às suas virtudes e desacertos. Orgulhava-se de uma cidade cosmopolita, sua vocação cultural, a orla marítima, a maior floresta urbana do mundo. Uma semana de trabalho com a metade das horas gastas nas conduções era possível de se esquecer numa caminhada no calçadão. A brisa, o verde; o Cristo parecia estar mesmo de braços abertos. A utopia, tudo a levava a ser feliz. Até acreditava nos governantes que “não tinham verbas” para investir na educação, os jornais mostravam o drama vivido pelas pessoas que dependiam dos hospitais públicos, os que dormiam nas ruas, os que passavam as noites nas filas dos hospitais, nas filas das oportunidades.

E da janela do seu apartamento olhava outros e olhava as favelas, a suntuosidade e as desgraças. Há tanto que se fazer, “mas não tem verbas”. Há tanta coisa interessante para fazer na rua, mas não há segurança, tem muita violência, bala perdida, um certo desgoverno. É melhor dormir.

E acordou em 2016.

Tudo funciona...!

É um grande milagre!!!



Construir o anarquismo no seio do povo

É difícil contrapor-se a quase tudo que se mostra como “ordem”, como norma. Perceber que muito além das ilusões de uma sociedade do consumo, da vida paga em mil prestações, o que impera no dia-a-dia é a sobrevivência, um quarto escuro e apertado, o trabalho bruto, a violência crua. Por isso, para quem prossegue na luta, é preciso ter clareza, saber andar no sol e no escuro, ter o preciso cuidado para não desabar. Aprender, como dizia o poeta, “como domar a explosão/ com mão serena e contida,/ sem deixar que se derrame/ a flor que traz escondida”. Aprender a ser lúcido, como um fecho de luz, como a faca que se afia, como a máquina que afia o pano, alinha o fio. Sem esta “consciência para ter coragem”, sem esta lucidez, a gente sufoca. Substituímos a construção da vida pela luta entre nós mesmos, entre pequenos grupos. Deixamos de perceber e se perceber no mundo, que realidade se apresenta e como ela se manifesta, quais as nossas forças, que passos são precisos dar para transformá-la. Caímos em delírios, paranoias, falamos de revolução como se fosse algo tão próximo e rápido como abrir a porta de casa e pisar na rua ou entrar na padaria e pedir um pão.

Também não acreditamos em grandes mudanças sem estratégia e programa. Não queremos caminhar sozinhos, como indivíduos, por isso nos organizamos, por isso defendemos a organização política, o partido. Queremos coordenar ações, ideias, pensar projetos, caminhos, consolidar uma sólida unidade teórica e prática, mas também nada disso adianta sem o imprescindível contato e vivência junto ao povo, sem criar com ele a teoria e a estratégia revolucionária. Somos contra organizações com predomínio de homens e brancos, de “intelectuais” e funcionários públicos. A organização anarquista tem que refletir o povo oprimido e lutador, sendo protagonizada pela maioria explorada, mais pobre, por maioria de mulheres e negros da classe trabalhadora.

Em 2012, trilhamos a primeira estrada: construir a organização, criar uma plataforma para nossa concepção de anarquismo, chamar companheiros que compartilham destas ideias, montar uma organização por militância de base, iniciar nossa estruturação interna, contatos com outros grupos e espaços, criar uma organização popular com militantes das comunidades e espaços onde atuamos (escolas, favelas e ocupações). Nossa tarefa agora, este ano, é diferente, mais ampla e mais difícil. Temos que saber caminhar para não virar um “grupelho” cheio de verdades sobre o tempo e a vida, mas que não consegue superar os círculos de cinco pessoas e um monte de palavras de ordens incapazes de comandar o presente. Sendo estratégicos, precisamos conjugar os estudos com o que precisamos fazer, com a nossa meta atual mais forte que é acelerar a longa caminhada para retirar o anarquismo do seu isolamento do povo, fortalecer os movimentos populares autônomos e tornar a nossa organização cada vez mais sólida, nos laços organizativos, com autogestão e força criativa.

Desse modo, é preciso focalizar agora as perguntas sobre como tornar o anarquismo e a teoria revolucionária algo presente e vivido (atualizado) pelo próprio povo. Do estágio em que estamos, pensar em como construir ações que possibilitem o crescimento e renovação das ideias revolucionárias. Como fortalecer os princípios da ação direta e da autogestão nas escolas, nas comunidades, nos locais de trabalho. O socialismo é uma obra imensa, de muitas mãos, que não se faz de um dia para outro. Todas as organizações populares que tiveram sua força e importância foram construídas com muita dedicação, muito esforço, muita paciência com suas companheiras e seus companheiros. Nossa estrada é de décadas. Nosso futuro é imenso. Precisamos confiar na organização e na luta do povo.



Chamada para solidariedade internacional com a Aldeia Maracanã

Rio de Janeiro, Brasil.

No dia 22/03/13 às 03:00, a polícia cercou o antigo prédio do Museu do Índio, rebatizado pelos indígenas de Aldeia Maracanã, que fica ao lado do Estádio Maracanã, que sediará a Copa de 2014. Ocupado há 6 anos por diversas etnias indígenas e suas famílias, a ocupação do prédio visava construir um centro de referência da cultura indígena controlado pelos próprios indígenas, e também planejavam a criação de uma Universidade Popular Indígena, além de servir de moradia para os índios que vem passar pela cidade.

O cerco policial terminou com a invasão da Aldeia Maracanã e uma violenta repressão a todos os indígenas e apoiadores presentes, além de várias prisões. A repressão serviu para testar as novas armas compradas para os mega-eventos no Rio de Janeiro, como gás lacrimogêneo, spray de pimenta, canhão de microondas, pistolas de tasers, somados as velhas agressões usuais da polícia do Rio de Janeiro. O Estádio e seu entorno estão sendo vendidos para a iniciativa privada e para isso querem o prédio vazio.

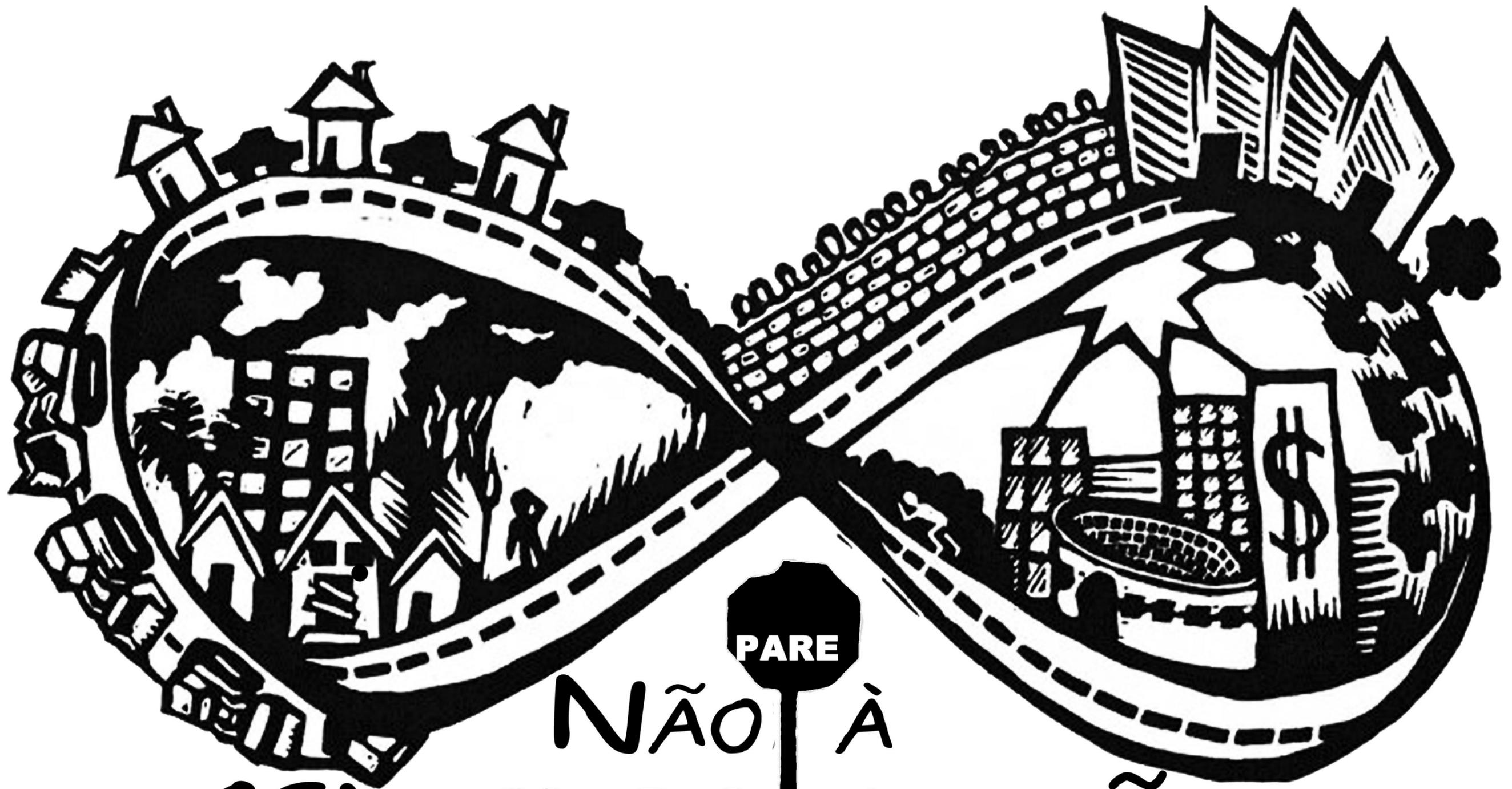
O episódio de total desrespeito a cultura indígena faz parte do projeto de “limpar a cidade” para as Olimpíadas, fazendo do Rio de Janeiro uma grande vitrine para a burguesia internacional, enquanto o povo sofre a opressão, o desalojo forçado de suas casas, o descaso com a moradia, saúde e educação e a morte nas mãos dos lacaios do Estado.

Por isso chamamos a todos a prestarem solidariedade à Aldeia Maracanã, com atos na embaixada brasileira, divulgação do caso ou apenas fotos mostrando solidariedade para que o mundo fique sabendo das barbaridades que vem acontecendo no Brasil e mostrar para os indígenas desalojados e mandados para precários abrigos públicos que não estamos sozinhos!



terraeliberdade@riseup.net
<https://terraeliberdade.protopia.at>
www.facebook.com/terraeliberdade





NÃO À GENTRIFICAÇÃO

ETAPAS DA GENTRIFICAÇÃO DE UM BAIRRO					
<p>Abandono</p>	<p>Estigmatização</p>	<p>Especulação</p>	<p>ENCARECIMENTO</p>	<p>EXPULSÃO</p>	<p>COMERCIALIZAÇÃO</p>
<p>VÃO SE DEGRADANDO OS SERVIÇOS BÁSICOS (EDUCAÇÃO, SAÚDE, ETC)</p>	<p>OS GRANDES MEIOS DE COMUNICAÇÃO DENUNCIAM A INSEGURANÇA E A POBREZA</p>	<p>GRANDES GRUPOS IMOBILIÁRIOS COMPRAM PROPRIEDADES EM TODA PARTE</p>	<p>SOBE O CUSTO DE VIDA AOS OLHOS DA CARA (CIRCUITO CULTURAL, ETC)</p>	<p>EXPULSÃO DOS MORADORES TRADICIONAIS, POR NECESSIDADE OU PELA FORÇA</p>	<p>O BAIRRO ESTÁ NA MODA!</p>

O
A
T
L

